
Entrevistado/a: Angelina e Fernanda dos Santos

Entrevistador/ales: José Edimar de Souza e Elisângela Dewes

Tema: História das Instituições Escolares; Enchente no Rio Grande do Sul (2024)

Data: 22 de maio de 2025

Local: EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff (São Leopoldo)

OBS.: Para obter a entrevista na íntegra, solicite pelo e-mail: jesouza1@ucs.br.

Trajetória profissional e vínculo com a instituição

Angelina dos Santos, tem 66 anos, e atua há 32 anos como merendeira na EMEF Professor João Carlos Von Hohendorff, tendo acompanhado praticamente toda a trajetória da instituição. Fernanda dos Santos, tem 29 anos, também merendeira, é ex-aluna da escola e mantém com o espaço um vínculo afetivo e comunitário profundo. Mãe e filha trabalham juntas na instituição e residem nas proximidades, o que favoreceu a ajuda rápida prestada na escola.

A decisão de transformar a escola em abrigo

De acordo com o relato de Fernanda, com o agravamento das chuvas no início de maio de 2024 e o rompimento do dique em São Leopoldo, a cidade entrou em estado de emergência. As aulas foram suspensas e, diante da superlotação de outros espaços, a Prefeitura solicitou que escolas aptas se organizassem como abrigos. Na madrugada do dia 3 de maio, mesmo sem a presença da equipe diretiva, impedida de se deslocar por conta dos alagamentos, a entrevista recorda que ela e sua mãe abriram a escola, acompanhadas por familiares próximos. A decisão ocorreu de forma emergencial, sem planejamento, por orientação da direção.

Organização e gestão do abrigo

Fernanda explica que nos primeiros dias, a organização do abrigo foi conduzida em um contexto de isolamento territorial que dificultava a chegada de outros profissionais. Foram organizados fluxos de entrada, troca de roupas, alimentação, encaminhamento para dormitórios improvisados e cuidados básicos de saúde. À medida que o abrigo se estruturava, estabeleceram-se regras de convivência, controle de circulação noturna e escalas informais de vigilância, garantindo segurança e acolhimento aos abrigados, de acordo com Fernanda.

Reorganização dos espaços escolares

Os espaços da escola foram ressignificados para atender às necessidades do abrigo. Salas de aula foram transformadas em dormitórios com colchonetes, priorizando o acolhimento de famílias, idosos, crianças e pessoas doentes, como recorda Fernanda. Já, Angelina lembra que a cozinha tornou-se o centro das atividades diárias, coordenada por Angelina, com apoio de irmãs, cunhados e outros voluntários, enquanto Fernanda atuava de forma mais ampla, articulando demandas, distribuindo medicamentos, auxiliando na organização geral e mediando conflitos.

Alimentação

Angelina recorda que toda a alimentação oferecida no abrigo foi proveniente de doações da comunidade, que chegavam por diferentes meios, inclusive caminhões. Inicialmente, parte das refeições vinha pronta, mas com o aumento do número de abrigados, a equipe passou a preparar os alimentos no próprio local. Segundo Fernanda, o abrigo atendeu aproximadamente 270 pessoas durante cerca de 45 dias, oferecendo café da manhã, almoço, jantar e lanches ao longo do dia, além de refeições extras conforme a necessidade.

Solidariedade e apoio da comunidade

As entrevistadas destacam a mobilização solidária da comunidade, com doações de roupas, alimentos, colchões, medicamentos e apoio humano. Pessoas da própria escola, ex-alunos, familiares e moradores da região se envolveram espontaneamente. Segundo Fernanda, houve também articulação com farmácias e apoio da equipe diretiva para garantir medicamentos e atendimentos

essenciais, especialmente para pessoas com doenças crônicas, idosos e indivíduos em situação de vulnerabilidade.

Atenção às dimensões humanas e emocionais

As entrevistadas destacam, de forma sensível, histórias de transformação pessoal vivenciadas no abrigo, como a reinserção social de um jovem em situação de dependência química, que passou a colaborar nas atividades diárias.

Aprendizados e percepção da experiência

Ao refletirem sobre a vivência, Angelina e Fernanda afirmam nunca terem passado por situação semelhante. Ambas ressaltam que, embora o trabalho tenha sido intenso, não foi percebido como sacrifício, mas como uma ação realizada “de coração” como destaca Angelina. Para Fernanda, a experiência reforçou valores como solidariedade, empatia e gratidão.